Este Natal Vai Dar Que Falar

Este Natal Vai Dar Que Falar

Uma novela de Natal

❄

GABRIEL ROWAN

Este Natal Vai Dar Que Falar

© 2026 Gabriel Rowan. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem autorização do autor.

Publicado por Lumina · Bookmundo

ISBN 9789403963259

Capa: Lumina

Composição e paginação: Lumina

Composto em Palatino · Primeira edição, 2026

❄

Este livro é para guardar.

PARA _____

DE _____

NATAL DE _____

Índice

❄

Parte I — Faltam cinco dias 9

1 A vila, o pub e o anúncio do concurso 11

2 O teatro fechado e o que está em jogo 16

3 Edmund e Rose nomeados por engano 20

4 Primeira reunião e primeira guerra 25

Parte II — Isto vai correr mal 31

5 Quatro festas incompatíveis 33

6 Os burros que não são renas 39

7 Dorothy e a canção 44

8 Primeiro apagão 49

Parte III — Ninguém se entende 55

9 O Pai Natal preso na chaminé 57

10 Segredos da padaria 62

11 Rose e Daniel, luzes e silêncios 67

12 A greve do coro infantil 71

Parte IV — A noite de todas as noites 77

13 24 de dezembro, ao fim da tarde: tudo desmorona 79

14 Edmund ao piano 84

15 A vila junta-se 89

16 O concerto improvisado 94

17 O que os irmãos nunca disseram 100

Parte V — Feliz Natal, apesar de tudo 107

18 Reconciliação 109

19 A festa 114

20 Madrugada de 25: o desfecho 119

PARTE I

❄

Faltam cinco dias

CAPÍTULO 1

A vila, o pub e o anúncio do concurso

❄

EM LITTLE WICKHAM, ninguém guardava um segredo durante mais de onze minutos.

Era um recorde local, e estava registado. Num quadro negro por cima do balcão do The Crooked Goose, Margot Hale, dona do pub e juíza vitalícia de todas as apostas da vila, apontava a giz o tempo que cada novidade demorava a chegar ao outro lado da praça. O noivado da filha do carteiro tinha durado nove minutos. O divórcio do senhor Pennywhistle, quatro. A notícia de que o reverendo andava a escrever um policial em que a vítima era um padre, três, e o reverendo ainda hoje jurava que não tinha contado a ninguém.

Faltavam cinco dias para o Natal, e a vila já estava, como sempre, a fazer barulho.

Lá fora caía uma neve miúda, daquelas que não chegam a ser neve nem desistem de ser chuva. Dentro do pub, o fogo estalava, o relógio da parede atrasava-se quarenta minutos por tradição, e meia vila apertava-se entre as mesas, de casacos ainda a fumegar, a fingir que não esperava nada.

— Eu só vim por causa da sopa — declarou alguém ao fundo.

— Ninguém vem ao Goose por causa da sopa — respondeu Margot, a limpar um copo que estava limpo desde 1994. — Vêm por causa das novidades. E hoje há novidades. O Gerald passou a manhã a ensaiar o discurso ao espelho da barbearia. O barbeiro cronometrou. Vinte e dois minutos.

Um gemido coletivo percorreu a sala.

— Ele não pode falar vinte e dois minutos — disse o senhor Bell, antigo professor de música, a ajeitar o cachecol com a dignidade de quem já dirigiu um coro de cento e vinte crianças e sobreviveu. — Uma boa carta, como uma boa frase musical, sabe quando acabar.

— E o senhor, Alistair, sabe quando acabar? — perguntou Margot.

— Raramente. Mas tenho consciência disso, o que já é um começo.

A porta abriu-se com um estrondo e a neve entrou primeiro, seguida de Gerald Pomfrey, presidente da Associação Comercial de Little Wickham, homem de bigode farto, casaco de tweed e uma pasta de cartão apertada ao peito como se contivesse a Magna Carta. Pousou a pasta no balcão. Pigarreou. A sala calou-se, com exceção do relógio, que continuava convencido de que eram menos vinte.

— Minhas senhoras e meus senhores — começou Gerald.

— Já começou mal — murmurou alguém.

— ...caros vizinhos e amigos. Tenho aqui uma carta — e levantou-a, devagar, como quem ergue um bebé recém-nascido — que veio de Londres. Da Comissão Nacional dos Festejos de Inverno.

— Isso existe? — perguntou o senhor Pennywhistle.

— Existe — respondeu Gerald, ofendido. — Tem até um logótipo.

Houve uma pausa respeitosa pelo logótipo.

— A Comissão lançou este ano um concurso. «O Natal Mais Original do País.» Só uma localidade será escolhida. Os jurados chegam na noite de vinte e quatro de dezembro, de surpresa, e assistem à celebração tal como ela é. A vila vencedora recebe cento e oitenta mil libras. O suficiente, caros amigos, para reabrir o teatro.

Silêncio. Depois, um copo, algures, caiu e rolou.

— Cento e oitenta mil — repetiu Margot, devagar.

— Libras — confirmou Gerald, com a voz a tremer. — E fomos selecionados. Entre quarenta candidaturas, escolheram-nos a nós. Eu próprio escrevi a candidatura.

— O que é que lá puseste? — perguntou o senhor Bell, desconfiado.

— A verdade. Que somos uma vila calorosa, unida e…

Parou. Ninguém na sala conseguia olhar para ele.

— …e que temos tradições natalícias muito próprias.

Foi aí que o reverendo Tom Adeyemi, sentado junto à janela com um chá e um caderno que escondeu à pressa debaixo do chapéu, se levantou.

— Tradições próprias, Gerald? Nós não temos tradições próprias. Temos o meu presépio vivo, que não acontece desde que o burro do senhor Hobbs mordeu o Menino Jesus.

— Era uma boneca — disse o senhor Hobbs.

— Era uma boneca de cera, e ficou sem uma orelha — disse o reverendo. — Mas vamos fazer um presépio vivo. Grande, solene, com pastores, com ovelhas, com um coro de anjos.

— Um concerto — interrompeu o senhor Bell, e ergueu a mão num gesto que, em tempos, calara cento e vinte crianças. — Um concerto tradicional de Natal. Cânticos, uma orquestra de câmara…

— Orquestra de câmara? — Margot atirou o pano ao ombro. — Aqui? A única câmara que temos é a que o Pennywhistle montou no talho, e serve para ver quem rouba as salsichas.